

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: UM MONÓLOGO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Stephanie Carvalho Magalhães¹

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial é caracterizada como um dos mais importantes conflitos armados que a humanidade vivenciou. Sobre as matizes do cenário bélico, ocorrido entre os anos de 1939 e 1945, período em que se passa a história de Anne Frank, cumpre destacar os aspectos jurídicos deste período e a consagração do maior instrumento de defesa das garantias fundamentais à pessoa humana, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada no dia 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

Em referência aos aspectos jurídicos decorrentes deste momento histórico, vale salientar, no que tange à ideologia nazista, a aversão ao povo judeu, motivando os conflitos étnico-econômico entre judeus e alemães; as severas violações aos direitos humanos, a exemplo da perda da nacionalidade (apátridas) e da proibição da religião judaica, culminando nas práticas de perseguições, fuzilamentos em massa de indivíduos e na utilização da população judia como prisioneira, sendo obrigados aos trabalhos forçados e exaustivos que levavam à morte. Este genocídio é mundialmente conhecido como Holocausto.

O denominado *Antissemitismo* corresponde a hostilidade e a discriminação contra os judeus, seja pela religião ou pela raça, e sua origem remonta desde a captura de Jerusalém pelo Imperador Tito em 70 d.C. E, exatamente por não ser contemporâneo, é que se deve combater com veemência para que episódios de extermínio jamais tornem a suceder.

Com o propósito de que esta luta extremamente importante continue viva é necessário compreender a veracidade dos fatos. Neste sentido, o panorama histórico será traçado sob a ótica de uma das personalidades enfáticas deste período, Anne Frank - autora de um dos relatos de guerra mais genuínos conhecidos internacionalmente.

A você leitor, que possa ouvir atentamente os desabafos dessa garota de treze anos, que simplesmente gostava de escrever e gostaria com isso de aliviar seu coração de todos os pesos. Que possa ter seu intento alcançado!

¹ Graduanda em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Estagiária do Ministério Público do Estado da Bahia (MPBA). Ex-monitora do Projeto Direito no Cinema no ano de 2018.

2 BREVE DESCRIÇÃO DO FILME

Anne Frank. Uma garota de 15 anos, repleta de sonhos e de incertezas. A descrição dessa pequena criatura entre tantas no cenário bélico é extremamente singular, seja por sua perspicácia e ilusões sobre o futuro, ou ainda, a narração intimista, como um monólogo do cenário de guerra.

Os relevos dessa trama permitem ao leitor, tanto na obra genuína da autora, o “Diário de Anne Frank”, como nas mais variadas inspirações à história, enveredar-se sobre as fronteiras daquele pequeno espaço, o Anexo Secreto.

Vale salientar, antes de quaisquer análises e críticas, o pedido de permissão à protagonista desta história; este texto será como uma colcha de retalhos, aqui verão as lembranças e o otimismo da anfitriã, residentes em suas memórias à Rua Prinsengracht, 263, Amsterdã, Holanda. Assim, despir-se de julgamentos é essencial, pois, como bem sabe, “*o papel é paciente*”, e ele saberá ser amigo e amuleto da sorte em sua jornada.

A história transformou-se em livros, peças teatrais, documentários e obras cinematográficas sobre as mais variadas perspectivas e, aqui, será esboçada interpretação a partir de *O Diário de Anne Frank*, com riqueza das falas e uma pitada de entusiasmo da autora, movida pelo sentimento de fazer difundir uma das realidades mais duras e marcantes do século XX.

Afinal, se há entusiasmo, como Anne Frank demonstrava, há de se viver e espalhar conhecimento sobre tudo, ainda que se refira à Guerra e esta represente uma marca indelével a todos os sobreviventes e àqueles que compartilharam a dor da perda e da partida.

O projeto Direito no Cinema, com maestria, como bem reconhece todos aqueles que fizeram e fazem parte desta história, em edição especial, celebra o encontro! E não há melhor brinde que a vida e, nesta certeza, todos os caminhos levaram ao Diário de Anne Frank. Inspiração para o recomeço e mudança de planos em meio ao caos.

Não é necessário espiar o final ou procurar palavras-chave para saber, ainda no início, o triste fim de Anne Frank. E aqui, tomei empréstimo do título de Lima Barreto, quando escreveu *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1915.

Quando tudo era feliz, no *domingo, 14 de junho de 1942*, Anne Frank, completava aniversário e, como toda menina, recebia com alegria seus presentes, mas nada como ter em mãos o seu diário, “*Foi você, meu diário, que vi primeiro. E era, sem dúvida, o presente mais lindo.*”. Esse seria seu refúgio.

Mas foi preciso desmoroar a guerra para toda a certeza abandonar a protagonista e assim surgir: um segredo, um diário e um novo lar.

Emigrados para a Holanda, em 1933, a família Frank buscava segurança em outro país, pois a vida dos judeus na Alemanha tornava-se extremamente difícil, devido às perseguições do regime nazista de Adolf Hitler, que defendia uma ideologia fundamentada na supremacia da raça ariana (sociedade alemã pura) em detrimento de outras raças, para que não houvesse miscigenação, nitidamente a dos judeus, visto que eram considerados seres humanos inferiores.

Os Frank viviam confortavelmente. Tinham uma boa casa, alegravam-se com os passeios pela belíssima Amsterdã até que a guerra se fizesse presente, quando iniciaram as restrições locais, os horários de circulação e a obrigatoriedade da insígnia dos judeus. Marcadamente violações aos direitos de ir e vir, assegurado no art. 5º, XV da Constituição Federal de 1988.

A cada dia o medo era crescente. Desde as saídas às ruas, quanto à permanência em casa, e uma possível convocação, o que significava: campo de concentração. Quando eram submetidos a jornadas exaustivas de trabalho, à tortura, à fome, além de serem levados para a morte nas câmaras de gás. Violações aos direitos humanos consagrados na Constituição Federal de 1988, no art. 5º, III e VI, e nos instrumentos de direitos humanos vinculados à Organização das Nações Unidas, fundada em 24 de outubro de 1945, com a finalidade de promover a paz mundial e os direitos e garantias fundamentais.

Ver uma vida despedaçar-se é desesperador e, para combater este sentimento, é preciso coragem. Assim determinou-se Otto Frank, sem que a família suspeitasse. Antecipou-se e programou durante meses, um ambiente seguro para abrigarem-se durante os tempos difíceis da guerra.

Era no andar de cima (assim denominavam) do escritório em que Otto trabalhava. Havia uma estante giratória que escondia uma escada íngreme dando acesso ao Anexo Secreto. Ali permaneceram por mais de dois anos, dividindo as obrigações e as angústias de esconderem-se dos alemães, juntamente com mais 4 pessoas. Tornando a convivência agradável de uma família de quatro membros, em uma barca que flutua entre as boas ondas – pequenas alegrias, como decorar novas palavras assim que as traduz de algum livro ou, na angústia, - de reprimir suas verdadeiras emoções, sendo alvo de ataques dos Van Daan e dos próprios pais.

O relacionamento da protagonista com os moradores do Anexo é o ponto-chave da discussão. Assim que reitera cautela. A cada argumento, Anne sofria várias críticas pela

forma acalorada de discutir, não bastasse essa “censura”, encontra-se num círculo de sentimentos, incapaz de encontrar saída, o que lhe angustia e põe à prova sua força perante as adversidades. O que também representa características da transição de idade, mas que demora a ser aceita e compreendida pela maioria que ali vive. É de um lado a maturidade aflorando e não poder romper barreiras e, do outro, as molduras que os pais a impõe e ela se desdobra a aprender.

Sábado, 15 de julho de 1944. Querida, Kitty: “O que pensa você de uma garota moderna?”. Esse dilema, embora apareça nas últimas passagens do diário de Anne, é retratado nesses mais de dois anos, pois, a cada parágrafo, Anne desabafa e retrata os desafios de não poder sair daquele local e contentar-se com tão pouco, como o luar visto por uma pequena fresta da janela.

Naquelas circunstâncias, a liberdade valeria ouro. E seria esse o pensamento de todos - o dia em que poderiam retomar suas vidas. Jamais seria como antes, pois carregariam as memórias saborosas – como as cascas de ervilhas, mas também, a aflição de esconder suas identidades, para preservar a vida e a integridade.

A personagem a todo instante revela os fantasmas que a assombram, são as críticas e sermões de todos no Anexo, com exceção de Peter Van Daan, por quem nutrirá enorme afeto durante o período que permanece em isolamento.

Anne era autêntica e isso custa aos demais aceitação, seja pela vontade de mudar as situações ao seu redor, tidas como praticamente imutáveis, ou ainda, o desejo de prosperar na carreira e ultrapassar obstáculos que as mulheres ao seu redor sequer vislumbravam como possível ou desejável.

E por acreditar nesta felicidade, não aceita os conselhos que não lhe agradam, à exceção dos ensinamentos de seu pai. E seria este um pecado? Lutar, com armas pouco compreensíveis (as palavras) e que tira a todos da zona de conforto? É extremamente duro aceitar que uma garota de tão pouca idade (13 a 15 anos no Anexo) saiba exatamente o que quer e não aparenta a estupidez da juventude.

Com pouca modéstia, torna seus sonhos metas quase realizáveis, quando imagina publicar seus escritos, através de pseudônimo, em um jornal de Amsterdã. Infelizmente, tal propósito não se realiza. Porém seu grande sonho – ser jornalista e quem sabe escritora, é cada vez mais possível pela dedicação constante da jovem em aprender novas línguas, histórias da mitologia grega e romana e nas biografias de celebridades.

Não imaginava, contudo, tornar-se inspiração de determinação e fazer parte do rol de figuras ilustres que viveram a 2ª Guerra Mundial, e, com o pouco que tinha, soube reconhecer, “*Tenho consciência de ser mulher, uma mulher com força interior e com muita coragem.*”.

Queria ser útil e ter projetos para quando fosse libertada, não era ortodoxa, como bem pontua, e acreditava que seu jeito atrevido custaria constante aprendizado para conviver com os outros. Enganava-se. É preciso revolucionar para fazer história. E trabalhar duro seria sua maior realização.

Não houve tempo, porém, para concretizar, apenas idealizar seus projetos. Mas a sua escrita é inspiradora, pois ressalta a exímia leitora que foi, com percepções além das descrições sobre as refeições e hábitos no Anexo, com narrativas sobre sua realidade interior - seus medos, inseguranças e dores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Diário de Anne Frank é, antes de tudo, uma experiência pessoal, que conta sobre o ambiente familiar e as passagens de tempo no período da guerra. É cronológico, todavia, predomina uma marcação psicológica forte, com os sentimentos mais intensos de amor e ódio por tudo e todos naquele ambiente.

A única oportunidade de comunicar-se com o mundo seria através do seu Diário, onde preenche suas ambições, desejos e estampa em uma de suas páginas uma singela fotografia. Mas para ela: “*Esta é uma fotografia minha de como eu gostaria de ficar para sempre. Então, talvez eu pudesse ter a chance de ir para Hollywood*”. E é exatamente assim que Anne despediu-se do mundo, provavelmente em março de 1945, vítima de tifo, juntamente com a irmã Margot, no campo de concentração de Bergen-Belsen na Alemanha.

O Anexo foi saqueado e destruído durante uma batida policial. O que restou foram as lembranças da família Frank e Van Pels (chamados no Diário de Van Daan). Os benfeitores desta história sobreviveram, Koophuis, Kraler, Bep e Miep.

Otto Frank conseguiu por sorte ser encaminhado a um hospital quando da libertação do campo de concentração pelas forças soviéticas e com bastante entusiasmo honrou o legado de sua filha, divulgando o Diário de Anne Frank por todo o mundo. Em 1963, criou uma fundação com o nome da filha, na Suíça.

No fim, destacam-se os pensamentos que se acredita ter Anne em sua essência: Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida²

E assim foi a jornada em vida de Anne Frank, um misto de amor, sonhos e desejo de alçar voos, ainda que por meio de suas palavras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 jun. 2020.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Direção de Arte de Robério Gonçalves. Revisão e Adaptação de Texto de Suely Paiva. São Paulo: Editora Geek, [entre 1942 e 1944].

HISTÓRIA DO MUNDO. **Holocausto**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/holocausto.htm>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org>. Acesso em: 06 jun. 2020.

TODO ESTUDO. **Antissemitismo**. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/historia/antissemitismo>. Acesso em: 06 jun. 2020.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poema de Sete Faces**. Alguma Poesia (1930).